

permite um futuro luminoso. Os Estados Unidos são muito próximos espiritualmente da Inglaterra. Um laço semelhante ocorre entre os ingleses e a Austrália, a Índia, etc. O Carma os une.

O raciocínio é válido para as comunidades lusófonas ao redor do mundo. O Brasil foi uma parte de Portugal até 1822, durante 300 anos. Os dois povos têm relações diplomáticas e culturais estreitas. Uma amizade inquebrantável os une.

Os brasileiros sentem-se “na casa paterna” quando estão em Portugal. Os portugueses se sentem mais ou menos em sua casa quando estão no Brasil. E no entanto cabe ampliar a cooperação e a identidade entre os dois países.

Gilberto Freire alertou no século passado para a importância da essência lusitana do Brasil, e para a ameaça representada por seu esquecimento. [1]

Igual perigo é provocado pelo exagero da identidade do Brasil com outros países, provocado porque eles são talvez mais ricos ou mais poderosos militarmente.

A experiência cármica e cultural de que o Brasil faz parte não começou há cinco ou dez séculos atrás. É bem mais antiga. O antigo povo lusitano, precursor de Portugal, já existia alguns séculos antes da era cristã. Tinha muito em comum com a cultura dos celtas. No ano 29 antes da era cristã, o império romano estabeleceu a Lusitânia como seu domínio. O longo passado de Portugal é de certo modo o passado dos brasileiros.

No século 21 da nossa era, a terra lusitana é um bom espelho das possibilidades de desenvolvimento espiritual do Brasil. O mesmo não se pode dizer necessariamente dos Estados Unidos, apesar da aparente opulência da sociedade norte-americana. Imitar a violência e a ambição materialista de que sofrem hoje os EUA não é a coisa mais sábia que se pode fazer.

Deixar de lado o vínculo cultural e espiritual com Portugal, ou não reconhecer a absoluta centralidade deste vínculo na história e na realidade brasileira, é prejudicar o Brasil. É desligar o país da sua essência. É não zelar pelo centro da aura do Brasil.

Para que o povo brasileiro tenha um nível saudável de autoestima profunda - que nada tem a ver com vaidade - cabe reconhecer e apreciar a proximidade cultural-espiritual com o povo português.

Percebendo a importância dos nossos pais em nossas vidas, compreendemos melhor a nós mesmos. Nossos pais são imperfeitos, assim como nós somos; mas eles aprendem, como nós aprendemos.

Valorizando nossas origens, permanecemos próximos da nossa essência imortal e preparamos um futuro saudável. (CCA)

NOTA:

[1] Veja o livro de Gilberto Freire “**Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira**”, do qual há várias edições.

O Ciclo dos Descobrimentos: **Inaugurando a Civilização Atual**



A imagem mostra frente e verso de uma medalha comemorativa feita em 1980 em homenagem a Luís de Camões (1524-1580), assinalando o quarto centenário da sua morte. A medalha de bronze, com 9 cm x 12 cm, pertence à biblioteca da Loja Independente. A frase inscrita no verso é iniciática. Tem valor esotérico e aponta para o adeptado, fazendo parte do Canto 1, Estância 2 de “Os Lusíadas”.

Nota do Editor:

As grandes navegações do final do século XV e início do século XVI inauguraram a civilização atual dando início à noção de espaço planetário dos tempos modernos. Neste processo, os portugueses recuperaram, através do Renascimento, uma parte da Sabedoria Antiga.

No poema épico “Os Lusíadas”, Luís de Camões descreve uma das viagens portuguesas de Descobrimto. A obra tem como um ponto de apoio a tradição panteísta da Grécia e de Roma clássicas. O trecho a seguir descreve parte de uma conferência dos deuses e merece reflexão. Trata-se de uma dramatização didática do fato de que inteligências divinas supervisionam a evolução humana. (CCA)

OS LUSÍADAS, Canto Primeiro

... Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,

Das naus as velas côncavas inchando;
 Da branca espuma os mares se mostravam
 Cobertos, onde as proas vão cortando
 As marítimas águas consagradas,
 Que do gado de Proteu são cortadas,

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
 Onde o governo está da humana gente,
 Se ajuntam em concílio glorioso,
 Sobre as cousas futuras do Oriente.
 Pisando o cristalino Céu formoso,
 Vêm pela Via Láctea juntamente,
 Convocados da parte do Tonante,
 Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam dos Sete Céus o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado,
 Alto poder, que só com pensamento
 Governa o Céu, a Terra, e o Mar irado.
 Ali se acharam juntos num momento
 Os que habitam o Árcturo congelado,
 E os que o Austro têm, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

Estava o Padre [1] ali, sublime e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 Num assento de estrelas cristalino,
 Com gesto alto, severo e soberano;
 Do rosto respirava um ar divino,
 Que divino tornara um corpo humano;
 Com uma coroa e cetro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros Deuses todos assentados,
 Como a razão e a ordem concertavam
 (Precedem os antigos, mais honrados;
 Mais abaixo, os menores se assentavam);
 Quando Júpiter alto, assim dizendo,
 Cum tom de voz começa, grave e horrendo:

- “Eternos moradores do luzente,
 Estelífero Pólo e claro Assento:
 Se do grande valor da forte gente
 De Luso não perdeis o pensamento,
 Deveis de ter sabido claramente
 Como é dos Fados grandes certo intento
 Que por ela se esqueçam os humanos
 De Assírios, Persas, Gregos e Romanos. (...)” [2]

NOTAS:

[1] “Padre”, isto é, “pai”, o Pai dos Deuses, Júpiter. (CCA)

[2] “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, Círculo de Leitores, Portugal, 1984, 490 pp. Ver Canto I, Estâncias 19-24, pp. 36-37. (CCA)

A Ioga de Cabral e Camões

A Disciplina Secreta da Alma Durante o Ciclo dos Descobrimentos



O livro de Metzner Leone e uma medalha de bronze, com 11,5 cm de diâmetro, produzida em Portugal em 1980 para celebrar a vida de Luís de Camões (1524-1580)

Em sua biografia de Pedro Álvares Cabral, o jornalista Metzner Leone defende uma tese razoável sobre as lamúrias e lamentações típicas do fado lusitano (ou do tango argentino).

Leone afirma que este tipo de manifestação cultural reflete as fases decadentes de uma cultura, enquanto o estoicismo, o ânimo forte e a indiferença à dor, demonstrados por Pedro Álvares Cabral e outros grandes navegadores dos séculos 14 e 15, expressam os momentos ascendentes da evolução dos povos. [1]

Em Ioga, a ciência espiritual, define-se que *Tapah*, ou *Tapas*, Austeridade, é o modo pelo qual o estudante fortalece sua vontade. Com *Tapah* o peregrino purifica o seu ser e o transmuta, avançando na direção da ioga e da sabedoria.

Num sentido geral mas essencial do termo, Cabral (1468-1520) desenvolveu elementos básicos de ioga, através da prática de Tapah e de outros fatores. Entre eles estão a disciplina, a coragem, a perseverança, o discernimento.

Desde o início da humanidade, a vida ensina ioga a quem estiver pronto para aprender.

Cerca de quinhentos anos atrás, todos os cidadãos empreendedores aprendiam a prática da austeridade diretamente da sua existência diária.

No século 21, a tendência de acomodar-se com os confortos da “modernidade” é bastante forte.

O estudante de ioga deve agora resgatar - consciente ou inconscientemente - o abandono do conforto pessoal vivido pelos grandes navegadores, entre os quais Cabral se destaca.

Leone levanta aspectos da vida de Cabral que mostram a ética e a integridade de caráter do navegador, dois elementos indispensáveis em Ioga.

Tapah, vista como prática da austeridade pessoal, permite reunir e estocar força de vontade. Produz magnetismo, isto é, energia interna. Fortalece a estrutura da personalidade. Gera bom carma. Dota o indivíduo de uma capacidade de vencer. Desperta as potencialidades superiores da alma.

A austeridade é um tema central em teosofia e filosofia esotérica, assim como a unidade entre observador e coisa observada, que leva ao samadhi em Raja Ioga. A mente adota a forma daquilo que ela contempla, segundo Patanjali, em *Aforismos*, Livro I, 4. Platão ensina o mesmo. E Luís de Camões, que liga o ciclo dos descobrimentos à sabedoria antiga, escreveu:

*Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.*

*Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.*

*Mas esta linda e pura semideia,
Que, como um acidente em seu sujeito,
Assim [ela] com a alma minha se conforma,*

*Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma. [2]*

Viver em Retiro

Para construir a ioga da alma, o peregrino procura viver longe do barulho desnecessário.

Ainda que fisicamente esteja no mundo, habita sobretudo um templo em sua própria consciência.

Luís de Camões, considerado o maior poeta do mundo lusófono, viveu tanto quanto Pedro Álvares as viagens épicas e os naufrágios do século 16. É verdade que Camões sofreu com o exagero emocional típico do romantismo, corrente da qual sua obra lírica é precursora. Mas conheceu também algo da verdadeira sabedoria, e daí vem a melhor parte da sua grandeza. O autor dos Lusíadas descreve assim o seu retiro para o plano estável da percepção interna:

*Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E dos tratos humanos esquecido.*

*Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quase que sobre ele ando dobrado,
Tenho por baixo, rústico, enganado
Quem não é com meu mal engrandecido. [3]*

*Vá revolvendo a terra, o mar e o vento,
Busque riquezas, honras a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma;*

*Que eu só em humilde estado me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro na alma. [4]*

Protegida precariamente pela casca de nós da sua existência pessoal, a alma de cada peregrino navega no oceano do infinito, e nem sempre lembra disso. Ganha pouco a pouco uma familiaridade com a sabedoria universal. Aprende passo a passo a compreender o todo, sem perder a percepção da parte.

NOTAS:

[1] “Pedro Álvares Cabral”, Metzner Leone, Editorial Aster, Lisboa, 1968, 525 pp, ver pp. 151-152 e 245.

[2] “Camões Contemporâneo”, Morão Correia, 2ª edição, Papelaria Fernandes, S.A.R.L., Lisboa, 1984, 140 pp., p. 36. Veja também “Obras Completas”, Luís de Camões, Volume I, Livraria Editora Sá da Costa, Lisboa, quinta edição, 1985, prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade, 355 pp., p. 198.

[3] Isto é, “quem não é como eu engrandecido pela dor”.

[4] Reproduzido de “Obras Completas”, Luís de Camões, Volume I, Livraria Editora Sá da Costa, Lisboa, 1985, prefácio e notas de Hernâni Cidade, 355 pp., ver p. 260.

000

V veja o artigo “[Meditando Pelo Despertar de Portugal](#)”.

000

Meditar pelo Bem do Brasil: Um Experimento em Teosofia Prática



Uma pequena experiência está ocorrendo. Circula desde setembro um abaixo-assinado dirigido aos amigos do Brasil e aos seus cidadãos, convidando-os a pensar bem deste país.

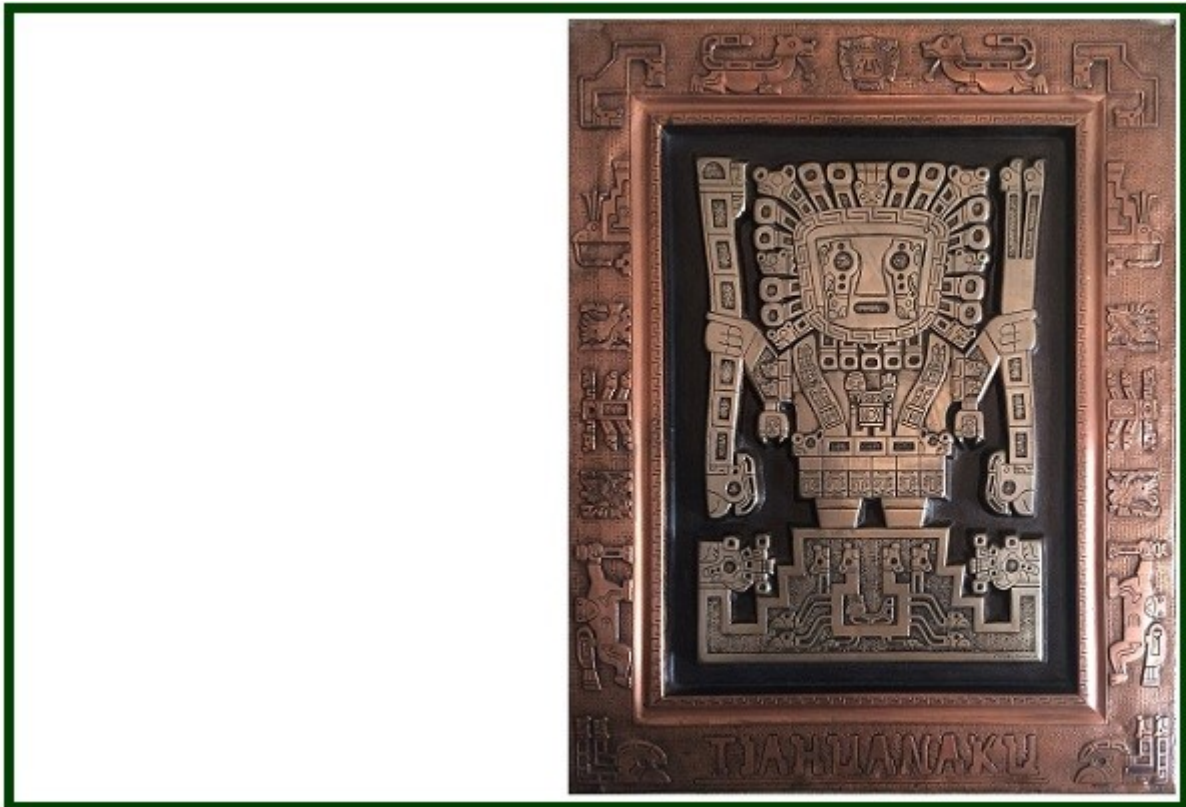
Nossos leitores podem assinar o documento, divulgá-lo entre seus amigos, publicá-lo no Facebook, no Twitter e onde for adequado. É um [primeiro passo](#). Uma experiência. Conforme o resultado, pode levar a outras. Para ver e apoiar a iniciativa, [clique aqui](#).

O Renascimento Segundo Camões

Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento.

(Luís de Camões em “Os Lusíadas”, Canto IV, estância 1.)

Wiracocha e o Sol Central Espiritual



O deus andino Wiracocha: foto de um quadro de metal pertencente à biblioteca da Loja Independente de Teosofistas

Em “A Doutrina Secreta”, Helena Blavatsky cita estas palavras de Eliphas Levi:

“...A estrela do dia (o sol) é apenas o reflexo e a sombra material do Sol Central da verdade que ilumina o mundo intelectual (invisível) do espírito e que é, em si mesmo, apenas um raio tomado por empréstimo do ABSOLUTO.” [1]

Estas palavras convidam a pensar. Pode-se meditar longo tempo sobre elas.

O mesmo ensinamento está presente na tradição andina. Podemos ler em um artigo dos nossos websites associados:

“É famosa a imagem de Wiracocha gravada na Porta do Sol, nas ruínas da cultura Tiahuanaco, às margens do lago Titicaca. Ele usa o Sol como coroa, ou seja, o sol é o seu veículo físico e externo, segundo explica a sra. Blavatsky. Wiracocha carrega trovões como armas em suas mãos, e ele chora derramando lágrimas cujo simbolismo é duplo. Elas expressam tanto a compaixão, no plano moral e espiritual, como as chuvas que purificam e renovam a vida física. Um dos numerosos deuses hindus, Brahma, também chora. Seu pranto é de arrependimento, e expressa autopurificação.” [2]

O Universo físico é apenas um reflexo das inteligências cósmicas divinas e do indescritível Absoluto.

E cabe lembrar que cada ser humano possui uma relação pessoal não só com o sol físico, mas também com o sol central espiritual - a “Alma” do sol.

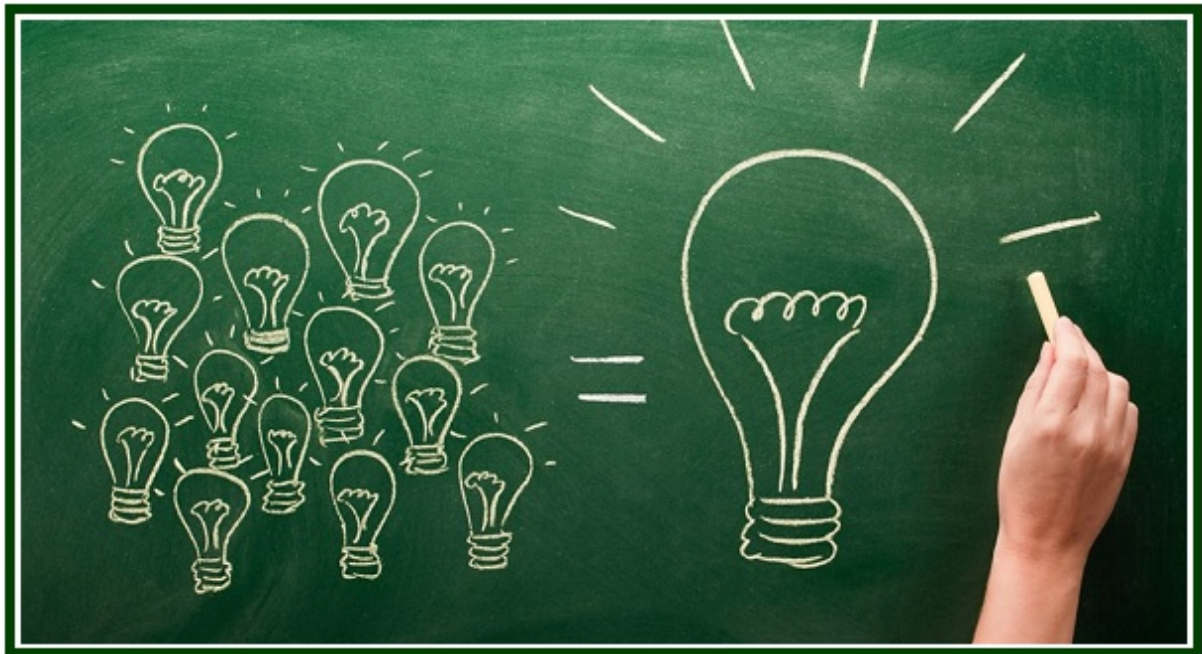
NOTAS:

[1] Veja a p. 255 do volume um, em “[The Secret Doctrine](#)”, de H. P. Blavatsky.

[2] Do artigo “[A Teosofia dos Andes](#)”.

000

Otimismo é Melhor que Frustração



Diante das questões sociais, um princípio filosófico central é de que onde o povo é sábio os governantes tendem a ser honestos, e onde o povo não é sábio cabe evitar esperanças ilusórias.

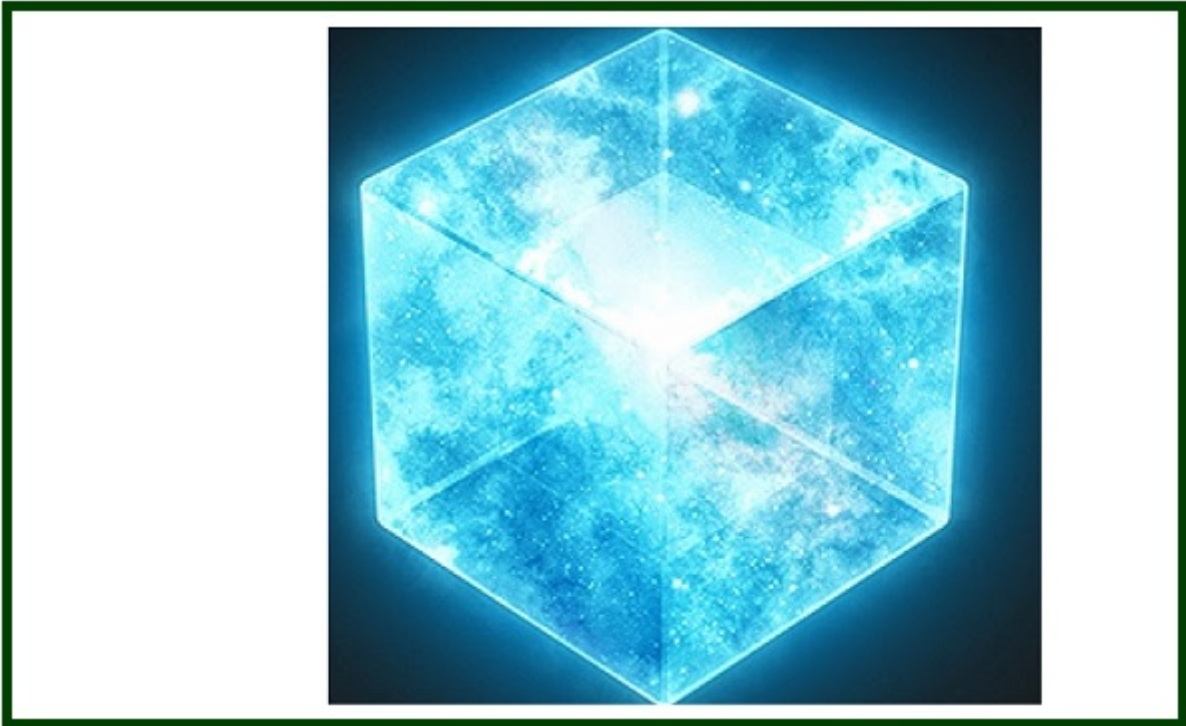
A grande e humilde tarefa é construir bons centros de consciência ética e espiritual onde quer que estejamos. A energia da frustração não ajuda e não vale a pena aumentá-la. A luz brilha na energia construtiva, combinada ao rigor da exigência ética, sobretudo em relação às nossas próprias ações. Quem quiser criar um centro não-burocrático de teosofia original em qualquer comunidade dos países lusófonos, pode escrever para a Loja Independente. [1] Nossos leitores e amigos estão convidados.

NOTA:

[1] Email: indelodge@gmail.com.

000

A Quarta Dimensão e a Clarividência



Os processos de desenvolvimento natural que estamos agora considerando irão elucidar de imediato, e desmascarar, o hábito de especular sobre os atributos do “Espaço dimensional”, seja ele “bidimensional, tridimensional, de quatro dimensões” ou mais; mas vale a pena, de passagem, assinalar a verdadeira importância da intuição saudável porém incompleta que levou, entre espíritas, teosofistas e também vários grandes cientistas [1], ao uso da moderna expressão “Espaço de quarta dimensão”.

Para começar, naturalmente, o absurdo superficial de supor que o próprio Espaço pode ser mensurável em qualquer direção tem pouca importância. Esta ideia familiar só pode ser uma abreviação da sua forma completa: “a quarta dimensão da MATÉRIA no Espaço”. [2]

Mas a expressão é infeliz mesmo quando ampliada deste modo, porque embora seja claramente verdade que o progresso da evolução possa estar destinado a mostrar-nos novas características da matéria, aquelas características com as quais já estamos familiarizados são, na prática, mais numerosas do que as três dimensões. As faculdades, ou o que é talvez o melhor termo disponível, as características da matéria devem nitidamente ter uma relação direta, sempre, com os sentidos do ser humano. A matéria tem extensão, cor, movimento (movimento molecular), sabor, e cheiro, que correspondem aos sentidos atuais do ser humano, e quando ela desenvolver completamente a sua característica seguinte - vamos chamá-la de momento de PERMEABILIDADE - esta corresponderá ao próximo sentido do homem, que podemos chamar de “CLARIVIDÊNCIA NORMAL”; assim, quando alguns pensadores audazes se mostram ansiosos por uma quarta dimensão que explique a passagem da matéria através da matéria e a produção de nós em uma corda infinita, o que eles estão realmente necessitando é uma sexta característica da matéria.

(Helena P. Blavatsky)

NOTAS:

[1] A teoria do professor Zöllner tem sido extremamente bem recebida por diversos cientistas - que são espíritas - entre os quais os professores Butlerof e Wagner, de São Petersburgo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[2] “Dar realidade a abstrações é um erro do Realismo. O espaço e o tempo são frequentemente vistos como se estivessem separados de todas as experiências concretas da mente, ao invés de serem vistos como generalizações destas experiências em certos aspectos.” (Bain, *Logic*, Part II, p. 389.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[Traduzido de “The Secret Doctrine”, H. P. Blavatsky, volume I, p. 251. Veja o [livro online](#).]

Ideias ao Longo do Caminho

Astúcia é Sinal de Que Não Há Inteligência



Qualquer teosofista pode ser amigo de um pé de *ficus benjamina*

* Os indivíduos inteligentes mantêm um contato constante com o que há de melhor e mais elevado em si mesmos, enquanto enfrentam e modificam o que há de menos bom. O compromisso é diário e se desdobra a cada minuto nas diferentes circunstâncias.

* O cidadão bem informado evita deixar-se hipnotizar por notícias ruins, não cai na armadilha das emoções negativas e fica de fora de temas medíocres. Seguindo a bússola da alma imortal, ele se orienta pelo Norte do autoaperfeiçoamento. O peregrino sensato vive e enxerga tudo como parte do Oceano da vida sem fronteiras.

* A paz dificilmente é encontrada na superfície das coisas, ou quando se teme a luta. O caminho da paz interna consiste da harmonia de cada um com a sua consciência. Esta é uma estrada altamente probatória, porque obedecer à voz da consciência significa dizer “não” às

mil e uma vozes do mundo externo e às suas falsas promessas de conforto de curto prazo. Por isso, viver a paz significa estar preparado para enfrentar o conflito entre a verdade e a ilusão, a sabedoria e a ignorância, a autorresponsabilidade e a atitude infantil. Quando a paz existe durante a batalha, a batalha é vencida.

* O mundo parece quase sempre uma coleção precária de fatos absurdos e fatos razoáveis, mas as opiniões diferem sobre quais são razoáveis, e quais são absurdos. A energia desperdiçada com indignações, surpresas e outros tipos de reações emocionais diante de supostas novidades é desnecessariamente grande. O mais sensato seria construir uma visão realista e durável dos fatos e atuar dentro das nossas possibilidades, construtivamente, observando as consequências das ações que realizamos. Isso sempre pode ser feito, pelo menos em pequena escala, que é como tudo começa.

* Sejam quais forem as circunstâncias em que vive, cada indivíduo tem o poder de conectar-se de imediato e incondicionalmente com o que é bom, belo e verdadeiro. Assim se expandem o equilíbrio e o discernimento. Aqui e agora ocorre a primavera, se em minha alma brilha a luz do espírito imortal. Celebro a vida neste momento. Estou em paz com todos os seres, e compartilho com eles a existência universal. O momento presente é o momento supremo. Quando o passado e o futuro são olhados desde o ponto de vista do eterno, encontramos a felicidade e é alcançada a compreensão das coisas.

* Viver em paz não depende muito das circunstâncias externas. A harmonia da alma decorre sobretudo de estar em paz com a nossa consciência, de ter uma meta nobre e trabalhar por ela com uma visão de longo prazo. O convívio diário com pessoas e situações com quem temos uma relação correta é uma bênção contínua. Através da ação construtiva, construímos e ampliamos uma corrente dinâmica de plantio e colheita de bem-estar.

* A independência pessoal diante das circunstâncias - também conhecida como “desapego” - permite olhar com mais lucidez para a vida. Deve haver serenidade diante dos fatos indesejáveis. O peregrino bem informado não abre mão da ética nem dos princípios morais. Não se afasta do cumprimento do seu dever. O desapego em relação ao que é secundário é tão importante quanto a perseverança naquilo cuja importância é fundamental. Rejeitar o erro permite desenvolver a ação correta.

* É uma ilusão a ideia de que acelerar nossas atividades nos levará a ter mais tempo disponível. Uma vez que a prioridade da rapidez se torna um hábito, a agitação se transforma em lei e o sossego desaparece. A decisão de agir com lentidão deve ser, portanto, incondicional. Precisa ser tomada na contramão das ansiedades superficiais. O cidadão sensato deve estar atento ao ritmo do crescimento das florestas. Ele é inspirado pelo tempo da germinação da alface e pela respiração secreta dos abacates que ainda não foram colhidos.

* A realidade prática da amizade sincera não está limitada ao reino humano. Por isso Francisco de Assis - o lendário místico cristão, um precursor da Reforma de Lutero - chamava de irmãos o sol e a lua e conversava com seres de todos os reinos da natureza.

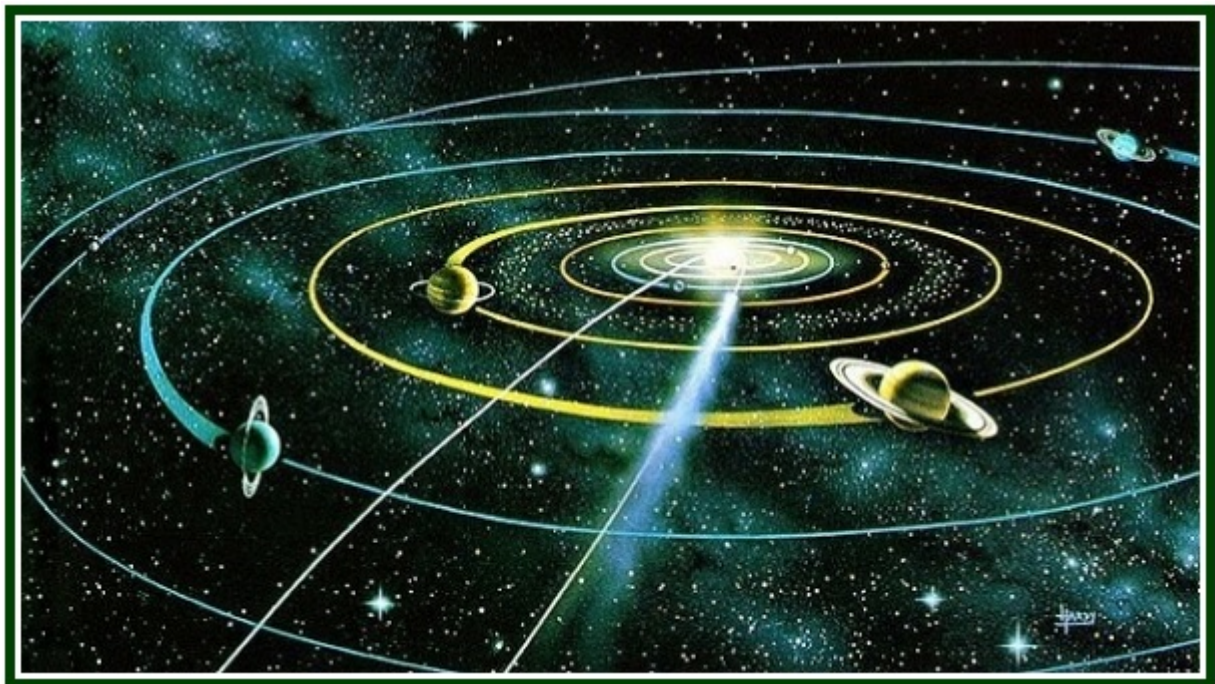
* Tal como milhões de pessoas ao redor do planeta, minha esposa e eu cultivamos a amizade dos gatos e cachorros da cidade em que vivemos. Sabemos que somos irmãos dos pássaros. Ouvimos conselhos do sol, do vento, da chuva. Temos consciência de que a fraternidade entre os diversos reinos é tão antiga quanto a própria natureza. A amizade e ajuda mútua dos seres humanos são indispensáveis, assim como a boa vontade. A diáspora é nossa companheira de caminhada. Um *ficus benjamina* - árvore nativa da Ásia - pode ser considerado colega de aprendizado. Quando caminhamos, ouvimos a música do vento entre as folhas dos nossos

irmãos eucaliptos. O universo inteiro está repleto das mais diferentes formas de vida, que o teosofista aprende passo a passo a perceber.

* Quando a intenção maior e central é suficientemente forte, basta perseverar nela para que as intenções menores - com frequência subconscientes e conflitivas - percam força. Cabe avançar pelo caminho central com peso, energia e perseverança. Deste modo os caminhos menores - que levam a destinos indesejáveis - perdem o poder de gerar confusão. O exame pouco agradável das nossas falhas pode servir como um alerta poderoso, despertando potencialidades adormecidas. O medo de fracassar é estimulante. Uma aguda visão do erro não só mostra a necessidade da ação correta, mas põe em ação as forças necessárias para ela.

* Desde há algumas décadas a quantidade de informação disponível para cada cidadão expandiu-se de modo espetacular. Um problema é que o excesso de informação se transforma em lixo mental. Depois desta expansão de meros dados informativos, cabe expandir a capacidade de pensar e tornar mais profunda a consciência que se tem da realidade. É preciso saber o que fazer com nossos supostos conhecimentos. Na ausência de ética, surgem desastres. O excesso de astúcia é a marca registrada dos que não têm real inteligência. O dever de todos e de cada um consiste em usar para o bem aquilo que se pensa que se sabe. Deste modo se expande o verdadeiro conhecimento. (CCA)

A Doutrina Secreta Ensina: **Tudo é Vida no Universo**



Já foi afirmado em tempos anteriores que para o Ocultismo não existe nada inorgânico no Cosmos. A expressão usada pela Ciência, “substância inorgânica”, significa simplesmente que a força latente adormecida nas moléculas da chamada “matéria inerte” é incognoscível.

TUDO É VIDA, e cada átomo, mesmo o átomo feito de pó mineral, é uma VIDA, embora esteja além da nossa compreensão e percepção, porque está fora do alcance das leis conhecidas por aqueles que rejeitam o Ocultismo.

“Os próprios Átomos”, diz Tyndall, “parecem possuir um desejo instintivo de viver”. De onde vem, então, nós perguntaríamos, a tendência de avançar para a forma orgânica? Pode haver alguma explicação que não seja a da Ciência Oculta?

“Os mundos, para o profano”, diz um Comentário, “são construídos a partir dos Elementos conhecidos. Para a concepção de um Arhat, estes Elementos são eles próprios, coletivamente, uma Vida divina; distributivamente, no plano das manifestações, formam um número incontável e infinito de dezenas de milhões de vidas. Só o Fogo é UM, no plano da Realidade Una: no plano do ser manifestado, e portanto ilusório, as suas partículas são vidas ígneas (...).”

(Helena P. Blavatsky)

[Traduzido de “The Secret Doctrine”, H. P. Blavatsky, volume I, pp. 248-251. Veja o [livro online](#).]

Leia também o artigo “[As Encarnações de Um Poema](#)”.

O Poder da Família: **Criar Uma Obra-Prima**



Desde o passado mais remoto, os pais casados têm sido os mestres mais eficazes de seus filhos e a família tem sido a escola mais importante na transformação dos recém-nascidos animais humanos em personalidades inteligentes e socialmente responsáveis. Esse decisivo papel educacional é perfeitamente sintetizado no ditado que diz:

“Como é a família, assim será a sociedade”.

Além disso, o cultivo do amor mútuo e da mútua tarefa de educar os filhos estimula as pessoas casadas a externarem e desenvolverem os seus melhores impulsos criativos. Pois não há dúvida de que a missão de moldar as suas próprias personalidades e as de seus filhos é tão nobilitante como a criação de uma obra-prima nas artes ou nas ciências.

(Pitirim A. Sorokin)

[Do livro “A Revolução Sexual Americana”, de Pitirim A. Sorokin, Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961, ver p. 13.]

Ensinamentos de um Mahatma - 29

As Cartas ao Discípulo S. Ramaswamier



S. Ramaswamier: imagem parcial, ampliada, extraída da foto em grupo que aparece em “The Aquarian Theosophist”, October 2012, página 5

Nota Editorial:

O artigo número vinte e nove desta compilação de escritos do mestre de Helena Blavatsky apresenta as Cartas 48, 49 e 50 da obra “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, segunda série, dirigidas a S. Ramaswamier.

Em sua nota introdutória a estes documentos, C. Jinarajadasa diz:

“As cartas que seguem foram recebidas por um teosofista muito devotado, S. Ramaswamier, de Tinnevelly. Ele recebeu sua primeira carta do Mestre M. em 28 de setembro de 1891. No ano seguinte viajou ao Sikkim e lá encontrou seu Mestre face a face em 6 de outubro. Seu relato do encontro constitui o Anexo A.”

“Não sei onde se encontram agora os originais das cartas. Ele faleceu em 1893, devotado como sempre a seu Mestre e à S.T. Em dezembro de 1894, um filho seu publicou as cartas,

com um fac-símile de uma delas, num ataque à S.T., com o título de ‘Isis *Further Unveiled*’ (Ísis com *Ainda Menos Véus*). Reproduzo as cartas a partir deste panfleto.”

Em uma nota de pé de página da carta 48, C.J. menciona a “cerimônia do fio” de S. Ramaswamier. Tradicionalmente, a cerimônia do fio é o momento em que um guru aceita um discípulo, o qual começa a trabalhar na direção da meta de longo prazo que é o seu *segundo nascimento*, ou iniciação.

Reproduzimos a Carta 49, embora assinada pelo Mestre K.H., porque ela tem a assinatura conjunta do Mestre M.:

Na carta 50, o Mestre faz mais uma tentativa de estimular a precária lealdade de Olcott para com Blavatsky. (CCA)

Carta 48¹

Saudações a meu fiel chela. Ele é aceito a partir de agora, de forma que pode considerar-se como meu chela aceito. *Upasika* tem todas as instruções. Que meu chela Rama B. Yogi² siga as instruções que receberá dela. Eu o abençoo, filho.

M.:

Carta 49³

Você não pode ir ao Tibete. Não sou o único mestre lá, nem Chohan M.:. Antes você precisa mostrar que merece, através do trabalho nesta direção por dois ou três anos. Deve estar preparado para fazer qualquer coisa que lhe seja dita, qualquer coisa que lhe seja ordenada através dela. Se você *tem* fé em nós - *outros não a têm* - você está *preparado* para fazer *toda* e qualquer coisa para *comprovar* nossa existência?⁴

K.H.

Aprovado M.:

¹ Recebida provavelmente em 28 de setembro de 1881, quando ele viu uma materialização de seu Mestre em Crow’s Nest. (C. Jinarajadasa)

² “Ramaswami” era seu nome normal. Iyer era a terminação indicativa da sua casta bramânica. Ele tinha um nome secreto recebido durante a “cerimônia do fio”, que era Rama Bhadra, e é este nome sagrado que aparece aqui como Rama B. (C. Jinarajadasa)

³ Recebida em setembro de 1882. (C. Jinarajadasa)

⁴ O Sr. Ramaswamier entretanto insistiu em ir ao Tibete, como descrito no Anexo A. (C. Jinarajadasa)

Carta 50⁵

Ramaswamier vestirá o manto de um asceta vedanta típico - até mesmo o penacho se necessário, e enviará suas roupas inúteis para Bombaim. Deve viajar de cidade em cidade em direção a Allahabad, pregando a Teosofia e o Vedanta. Todos devem saber que é meu chela e que me viu no Sikkim. Deve avisar *Upasika* sempre de seus movimentos e finalmente juntar-se a ela em Allahabad - bem como receber minhas ordens através dela. Todas suas aspirações e preocupações devem ser direcionadas para um único objetivo - *convencer o mundo de nossa existência*. Para *Sahib* Olcott ele dirá verbalmente o seguinte: meu Mestre, entre outras mensagens já entregues a quem diziam respeito, disse-me - diga a meu leal filho e trabalhador que sua paciência foi grande, mas que grande também será sua recompensa. Diga-lhe que se equivoca com muita frequência em relação a *Upasika*. Ela é tudo que ele *pensa* que ela é e nada do que ele *suspeita*. Que ele entenda a charada. Ela *nunca* o enganou - apenas deixou-o ignorante de muitas coisas de acordo com minhas ordens. De agora em diante, para facilitar sua compreensão, que ele saiba que sempre que uma ordem lhe é enviada através dela, deve ser prefixada com as palavras “Chohan Rimbochey”; sempre que estas palavras forem omitidas, a ordem não procede de mim mas dela. Diga-lhe que tenha fé, esperança e confiança. Mais, em breve. Vista-se como um peregrino a partir de hoje e diga a seus amigos que recebeu ordens diretas de mim - como ou de que forma não é da conta de ninguém. *Silêncio, descrição e coragem*. Que minhas bênçãos derramem-se sobre sua cabeça, meu bom e leal filho e chela.⁶

M ∴

000

O texto acima reproduz as Cartas 48, 49 e 50 de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Segunda Série, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline, 295 pp., ver pp. 227-229. A edição de 1948 da obra em inglês, “**Letters from the Masters of the Wisdom**”, pode ser lida em PDF [nos websites associados](#).

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 04 de outubro tínhamos 2545 itens em nosso [acervo](#), dos quais 14 estavam em [francês](#), 1201 em [português](#), 1182 em [inglês](#) e 146 em [espanhol](#). Havia dois textos em [italiano](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 29 de agosto e 04 de outubro de 2019:

(Títulos mais recentes acima)

1. **A Lenda da Embriaguez - Malba Tahan** [conto]
2. **Thoughts Along the Road - 36 - Carlos Cardoso Aveline**

⁵ Recebida por volta de 30 de setembro de 1882. (C. Jinarajadasa)

⁶ O Sr. Ramaswamier procedeu conforme estas ordens e fundou quatro Lojas da S.T. em a caminho de Bombaim, após ter visto seu Mestre. (C. Jinarajadasa)

